

Investigando a identidade dos estabelecimentos de ensino

*M.ª Cristina da Silva Galvão
PUC-Rio*

Resumo

Com 31 anos de magistério no ensino fundamental, o que poderia parecer inicialmente simples, revela-se surpreendente: desenvolver um trabalho de campo neste mesmo nível de ensino. A escola, aparentemente tão familiar, é uma caixa inesgotável de surpresas; os fenômenos mais conhecidos não são necessariamente os mais fáceis de serem analisados. Na emergência recente de uma sociologia das organizações escolares, posicionada entre uma perspectiva focada na sala de aula e as perspectivas sócio-institucionais centradas no sistema educativo, destacam-se as instituições escolares, como espaços organizacionais que devem ser compreendidos na sua complexidade técnica, científica e humana (Nóvoa, 1995). Sendo assim, ao empenhar-se em compreender os estabelecimentos de ensino como **organizações**, a sociologia dos estabelecimentos escolares restitui aos atores educativos o papel de protagonistas e modifica a descrição das **características organizacionais e da cultura de escola**. Bressoux (2003) considera que a noção de **clima** permitiria dar conta da escola concebida como uma organização social que desenvolve um sistema particular de relações entre os atores. Com este texto pretendo fazer uma reflexão sobre o conceito de **clima escolar**, mais precisamente sobre os seus aspectos que podem ser destacados como fatores que outorgam diferenciação de qualidade as escolas.

1 - INTRODUÇÃO

Tenho vivido uma situação muito peculiar, apesar de atuar no magistério do ensino fundamental há mais de 30 anos, vejo-me com uma responsabilidade intensa diante da tarefa de fazer um trabalho de campo numa escola neste mesmo nível de ensino. Minha sensação é de que a escola, aparentemente tão familiar, é uma caixa inesgotável de surpresas; os fenômenos mais conhecidos não são necessariamente os mais fáceis de serem analisados.

Tura (2003) nos alerta que quando nos empenhamos em traduzir ritos socialmente reconhecidos e crenças compartilhadas, temos que encontrar formas de descrição que tornem estes elementos mais compreensíveis e "inseridos numa

rede de significados que lhes dão sentidos e materializam sua existência" (Id: 190).

Ao tomar a sala de aula como foco de sua pesquisa com o objetivo de compreender o seu funcionamento cotidiano, Sirota (1994) igualmente argumenta que ao representarmos o cotidiano como fato social temos que atribuir à repetitividade de todos os dias, à banalidade, ao detalhe de cada instante, o sentido e a força dos grandes eventos que tornam concretos os pontos de inflexão dos itinerários sociais.

Com este texto pretendo fazer uma reflexão sobre o conceito de **clima escolar**, mais precisamente sobre os seus aspectos que podem ser destacados como fatores que outorgam diferenciação de qualidade as escolas.

2- UMA SOCIOLOGIA DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

Os estudos que durante os anos 60 usavam o modelo *input-output* (entrada e saída), investigavam em que medida as características dos alunos, os recursos humanos, materiais e financeiros (os *inputs*) poderiam determinar modificações no seu desempenho (os *outputs*). Bressoux (2003) esclarece que estas pesquisas integravam as correntes sobre o efeito-escola, com seus métodos próprios de investigação e desenvolveram-se separadamente das pesquisas sobre o efeito-professor. Iniciaram-se nos Estados Unidos e são caracterizadas pelos estudos quantitativos em grande escala. O autor aponta ainda que o conjunto dos fatores controlados explicava, freqüentemente, menos que 20% da variância de sucesso dos alunos; a escola como lugar de aprendizagem e de destinação de recursos não teria potência para modificar as condições acadêmicas dos estudantes que eram delimitadas pela herança familiar.

Novos estudos contestarão as variáveis utilizadas nas pesquisas anteriores que estudavam a instituição escolar como unidade de produção. Intentando examinar o que se passava no interior das escolas e que podia gerar diferença de

eficácia entre elas, as pesquisas sobre os processos vão investigá-las como organizações sociais, recorrendo a tabelas de observação, questionários, entrevistas, etc.

Nóvoa (1995) demarca a emergência recente de uma sociologia das organizações escolares, posicionada entre uma perspectiva focada na sala de aula e as perspectivas sócio-institucionais centradas no sistema educativo. Destacam-se assim, as **instituições escolares**, como espaços organizacionais que devem ser compreendidos na sua complexidade técnica, científica e humana, considerando-se a organização escolar como um nível essencial para a abordagem dos fenômenos educativos. O surgimento da sociologia dos estabelecimentos escolares como campo de estudo de deveu a necessidade de se aprofundar a compreensão das relações entre as desigualdades na sociedade e os processos de ensino-aprendizagem que ocorriam dentro das escolas (Mafra, 2003).

Com sua argumentação, Nóvoa (op.cit.) nos insta a não reduzir o pensamento e a ação educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *estricto sensu*. Nossa análise deve arregimentar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida, porque as escolas representam uma territorialidade espacial e cultural, onde se revela o jogo dos atores educativos internos e externos.

Deste modo, ao empenhar-se em compreender o papel dos estabelecimentos de ensino como **organizações**, a sociologia dos estabelecimentos escolares reporta-se, agora, aos modelos político (recorrendo a conceitos como poder, interesses, controle...) e simbólico (significado que os atores dão aos acontecimentos, caráter contingente dos processos educacionais...). Restitui aos atores educativos o papel de protagonistas e modifica a descrição das **características organizacionais e da cultura de escola**.

O funcionamento das escolas enquanto organização social define a diferença fundamental entre elas, para pôr em evidência esta diferença apresentou-se o termo *ethos* escolar - "um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que dão identidade particular à escola" (Mafra, 2003).

A noção de **estabelecimento** foi introduzida para se compreender os fatores que agem nas escolas, parte-se da premissa de que a política dos estabelecimentos - a natureza das relações sociais entre os atores e o projeto pedagógico e educativo, é responsável em parte pelo desempenho dos estudantes (Cousin, 1993).

Segundo Canário (1996) esta articulação entre os conceitos de ator e de sistema possibilita o acesso a um entendimento novo destes sistemas de ação coletiva que são as escolas; estas surgem então, não como um "dado natural", mas "como um "construído" social, marcado por uma intrínseca contingência" (id: 132) que as torna refratárias a previsões deterministas. São marcadas pela relação entre os constrangimentos sistêmicos (o funcionamento coletivo e global do sistema humano) e os comportamentos estratégicos dos atores (efeitos de imprevisibilidade); não se transformam, porém, em realidades incompreensíveis, são realidades inteligíveis, a partir de uma inteligibilidade construída *a posteriore*.

O autor identifica no conjunto das investigações que fazem da escola um objeto de estudo, uma outra perspectiva que se contrapõe a perspectiva da inteligibilidade *a posteriore*. Seria uma perspectiva do funcionamento da escola inspirada na tradição positivista, que pressupõe ser possível aplicar princípios de previsibilidade às escolas a partir de um acúmulo de muita informação (um conhecimento exaustivo das condições iniciais). Canário (op.cit.) avalia que esta divisão de perspectivas pode ser posta em relação com duas grandes correntes que demarcam o campo das pesquisas que têm a escola como objeto de estudo:

(a) uma se refere aos estudos que exploram o conceito de **eficácia** dos estabelecimentos de ensino

(b) outra se reporta ao conjunto de estudos que apontam para a elucidação dos processos de construção da **identidade** dos estabelecimentos de ensino.

3 - ASPECTOS DO CLIMA ESCOLAR / ALGUMAS PESQUISAS

A segunda corrente citada no item anterior é identificada por Mafra (2003) como os estudos mais atuais voltados para o que se nomeia **cultura organizacional**; estes estudos reúnem a perspectiva de sistema e a perspectiva de ator, que eram examinadas separadamente. Agora, são estudadas de forma articulada de modo a se perceberem as escolas como um sistema de ação coletiva. Segundo a autora, pesquisadores como Vala, Monteiro e Lima ("Culturas organizacionais: uma metáfora à procura de teorias". *Análise Social*, 1988) entendem que o **clima escolar** é um elemento integrante da cultura organizacional. Mafra esclarece que os estudos mais atuais sobre cultura organizacional e **cultura organizacional da escola** têm tendência a se confundir com as investigações tradicionalmente balizadas como "clima da escola". Estes estudos visavam os aspectos interpessoais e subjetivos das experiências escolares vividas numa organização, onde o "clima da escola" caracteriza-se por um "sentimento geral afinado" com o estabelecimento, proporcionando o bom relacionamento e a identificação institucional oportuna ao funcionamento adequado das instituições.

Bressoux (op.cit.) privilegiou a noção de **clima** em relação a outros fatores de desempenho (vistos como mais ou menos decorrentes deste) ao abordar as pesquisas empíricas sobre as variações de aquisição dos alunos em função da escola ou da classe em que eles são escolarizados. O autor considera que a noção de clima permitiria dar conta da escola concebida como uma organização social

que desenvolve um sistema particular de relações entre os atores. O "clima" da escola é destacado como "um conceito que permite ajuntar as características isoladas para integrá-las num conjunto que lhes confere sentido" (Id: 51).

Reconhecia que se tratava, no entanto, de um conceito problemático porque necessitava de uma definição operatória que o objetivasse e designasse os elementos que o constituíam.

Assinala ainda com a possibilidade de existir não um único clima na escola, mas vários. Duru-Bellat e Van Zanten (1999) afirmam, inclusive, que o clima escolar advém de uma configuração particular de fatores que podem variar e que muitas estratégias metodológicas são utilizadas para elaborar construtos de variáveis indicadoras do clima escolar, mas a complexidade desta configuração ultrapassa a agregação de fatores.

De qualquer forma a facultação de uma maior importância à escola como organização, representa na análise de Nóvoa (op.cit.) uma das evoluções mais significativas dos sistemas educativos nos anos 80 do século passado. Dentro dos estudos que tomam como referência as escolas e seu funcionamento, Brunet (1995) contribui com uma exposição geral das reflexões originadas no âmbito do clima; discorre sobre suas causas, dimensões, características, categorias e efeitos, relacionando estas reflexões com a problemática da eficácia da escola. Demarca que este conceito popularizou-se após ter sido utilizado por Gellerman, em 1964, na área da psicologia do trabalho e que a sua definição tem sido imprecisa. Todavia, defende que para se especificar as causas do comportamento de indivíduos em situação de trabalho não se pode recorrer a uma análise apoiada exclusivamente em aspectos pessoais. Há que se ampliar a pesquisa porque "são os atores no interior de um sistema que fazem da organização aquilo que ela é" (p. 125). A compreensão da percepção que eles possuem da sua atmosfera de trabalho possibilita conhecer os aspectos que influenciam o seu rendimento.

Brunet utiliza a expressão **clima organizacional** e esclarece que as teorias recentes centram-se na seguinte definição: a medida perceptiva dos atributos organizacionais. Esta definição concebe o clima como uma série de atributos perceptíveis do ponto de vista da organização e que podem ser indicadores da sua maneira de atuar, consciente ou inconscientemente, em relação aos seus membros e à sociedade. Deste modo, o elemento principal é a percepção que um indivíduo tem do seu ambiente de trabalho. E entendendo que o ser humano age continuamente conforme o seu ambiente, construindo uma base que lhe possibilita equilibrar os seus comportamentos, a percepção do ambiente produz efeitos sobre o estado emocional de um ator. Referindo-se especificamente às escolas, o autor pondera que cada escola tem a sua personalidade própria, personalidade esta que a caracteriza e formaliza os comportamentos dos seus membros.

Bressoux (op.cit.) cita estudos (Brookover et al, 1970; Austin et Holowenzak, 1985 e Purkey et Smith, 1983) que assumiram a hipótese de que o clima da escola definido de antemão como refletindo a cultura própria da escola irá influir sobre os comportamentos dos estudantes e, particularmente, sobre seu sucesso escolar. Alguns resultados confirmaram esta hipótese: (a) a escola teria uma ação autônoma sobre as percepções e as representações de seus membros; (b) as aquisições seriam maiores nos estabelecimentos onde os alunos têm o sentimento de controlar seu próprio sucesso; (c) as escolas eficazes saberiam fazer seus alunos assimilarem que eles controlam, eles mesmos, seus destinos; (d) é preciso que reine um sentimento de comunidade; (e) os objetivos devem ser claramente definidos e as expectativas elevadas e (f) a existência de regras claras e firmes aumentam o sentimento de responsabilidade na comunidade escolar.

Os estudos referidos ao clima escolar abordam percepções, disposições e sentimentos produzidos na convivência dos que participam do ambiente escolar,

neste processo os estabelecimentos produzem suas singularidades distinguindo-se de outros. Uma pesquisa realizada em três estabelecimentos escolares de uma grande cidade francesa (Cousin, 1993) comprovou que nas escolas onde há mobilização, os atores procuram voluntariamente superar a heterogeneidade das turmas e construir uma identidade como estabelecimento. Sendo duas as fontes de mobilização: **equipe de direção e professores**.

Em outro estudo, numa análise comparativa entre 12 escolas da região em torno de Bordeaux, abrangendo um universo bem representativo, Cousin (1998) concluiu que além da alta correlação entre origem social e desempenho escolar, o estabelecimento também é uma variável explicativa importante para a compreensão dos resultados escolares. Um conjunto de indicadores para caracterizar as escolas foi elaborado para o entendimento das possíveis razões das diferentes tendências do ponto de vista das suas políticas institucionais. Dentre todos os indicadores investigados, o autor dá bastante ênfase a **mobilização dos professores** que se revelou um dos principais elementos explicativos da situação da escola:

*[...] a pesquisa permitiu concluir que de fato os colégios com maior índice de sucesso escolar são os que conseguem em maior medida pôr em marcha **políticas institucionais orgânicas, reconhecidas como legítimas pelos diversos atores envolvidos e que mobilizam, sobretudo os professores em torno de objetivos comuns, favorecendo um melhor desempenho acadêmico do conjunto dos estudantes.***

Dentre os fatores que mais influenciam a construção destas "políticas institucionais de sucesso" se destacam, além da história pessoal e profissional dos atores singulares, sua capacidade de "leitura" dos problemas dos alunos e de sua possibilidade (ou crença nela) de encontrar-lhes solução. Finalmente, o autor ressalta que uma das pré-condições fundamentais para que tais "políticas de sucesso" possam perdurar e incrementar é, logicamente, **a estabilidade do corpo docente e da equipe administrativa**.

Bressoux (op.cit.) confirma que praticamente todos os pesquisadores que se interessaram pelo papel do **diretor**, concordaram sobre sua importância na construção do sistema social que é a escola, com capacidade para fazê-la funcionar como um todo coerente e no seu papel para constituir um **clima** favorável ao sucesso dos alunos.

Ao apresentar os resultados mais marcantes das pesquisas sobre clima, Bressoux (op. cit.) focalizou os trabalhos que se centraram sobre o sistema social e a cultura por entender que "é o sistema social de relações entre indivíduos e a cultura da escola que se tenta definir pela noção de clima..." (id., ib., p. 52).

Para Mafra (op. cit.) a investigação da **cultura da escola** se confunde com os estudos sobre a **identidade da escola** porque os estudos que buscam a compreensão da cultura da escola tentam dar visibilidade ao que se designa como *ethos* cultural de um estabelecimento de ensino, sua marca ou identidade cultural. As escolas cumprem funções sociais estabelecidas, mas se modificam independentemente dessas determinações. Observamos assim o crescimento ao longo das décadas de 1980 e 1990, da abordagem sociocultural na sociologia dos estabelecimentos escolares, numa tentativa de superação dos impasses teóricos e metodológicos. Segundo a autora, neste momento de aprofundamento no campo dos estudos culturais sobre os estabelecimentos escolares, as pesquisas inclinam-se a dar prioridade a três dimensões culturais: a cultura na escola, a cultura da escola e a cultura escolar.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreendendo um estudo de caso numa escola pública de prestígio da cidade do Rio de Janeiro, pretendo mapear as singularidades institucionais deste estabelecimento que segundo resultados de atuais avaliações sistêmicas "faz a diferença" no nosso sistema público de ensino. Tendo a noção de clima se

mostrado como um fator primordial para o estudo da identidade das instituições escolares, adoto como hipótese que o clima escolar definido previamente como retratando a cultura própria da escola, influirá sobre os comportamentos dos alunos e, especialmente, sobre seu sucesso escolar (Brookover op. cit.). Sem deixar de atentar para o fato de que "cada escola é um sistema social que, como tal, desenvolve seu próprio conjunto de regras, normas, avaliações e expectativas em relação aos alunos..." (Id: 54).

As variáveis que utilizarei como indicadoras do clima escolar favorável ao bom desempenho dos alunos, estarão baseadas inicialmente nos fatores decorrentes dos trabalhos apresentados por Bressoux (op.cit.) que ao utilizarem o clima como um conceito, centraram-se sobre as dimensões de um ambiente incluindo seu **sistema social** (relações entre as pessoas e os grupos da escola) e sua **cultura** (normas, crenças e valores).

Esta decisão deve-se ao meu entendimento, de que devo focar a identidade cultural da instituição que elegi como objeto de estudo, porque esta mantém uma posição de exceção na rede pública da nossa cidade. Incorporarei assim, conforme as considerações de Mafra (op.cit.), os estudos voltados para a compreensão da cultura da escola, seus processos particulares e contingentes, privilegiando as análises culturais do cotidiano que diferenciam as escolas umas das outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESSOUX, Pascal. As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor (1994). **Educação em Revista**. Belo horizonte: n.º 38, p.17-88, dez. 2003.

BRUNET, Luc. Clima de trabalho e eficácia da escola. In NÓVOA, Antonio (Org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

CANÁRIO, Rui. Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, João (Org.). **O estudo da escola**. Portugal: Porto Editora, 1996, p.123-149.

COUSIN, Olivier. L'effet établissement. Construction d'une problématique. In: **Revue Française de Sociologie**, XXXIV, 1993, pp. 395-419. Tradução de Zaia Brandão. Mimeo. Rio de Janeiro: PUC (Resumo para discussão no SOCED), 2007.

_____. **L'Efficacité des collèges - sociologie de l'effet établissement**. Paris: PUF, 1998.

DURU-BELLAT, M. et VAN ZANTEN, A. *Sociologie de l'école*. Paris: Armand Colin, 1999.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.109-136.

NÓVOA, Antonio. Para uma análise das instituições escolares. In: NÓVOA, Antonio (org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005, p.15-43.

SIROTA, Régine. **A escola primária no cotidiano**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.183-222.